

# Espaçologia: filosofias na totalidade do espaço

## Spaceology: Philosophies in the Totality of Space

**Wallace Lopes**

Laboratório Espaço, IPPUR/UFRJ.  
wartelopes@yahoo.com.br

ORCID: 0000-0001-8031-5851

RECEIVED 09/04/21

ACCEPTED 13/04/21

PUBLISHED 25/05/21

OPEN ACCESS

PEER-REVIEWED

Copyright: ©2020 Creative Commons  
Attribution License CC BY 4.0, which  
permits unrestricted use, distribution, and  
reproduction in any medium

**Abstract.** Thought shapes space. Thus, the first Western philosophies hid the notion of space, with the invisibility of a new field of spatial thinking occurring. Conversely, this article is an adventure of open thinking, by raising Spaceology as the protagonist and epistemic tool of philosophies in space, which are all in dispute in the clipping of moving totalities movement.

**Keywords.** Spaces. Place. Philosophy. Geographies. Totalities.

**Resumo.** O pensamento modela o espaço. Assim, as primeiras filosofias ocidentais ocultaram a noção de espaço ocorrendo uma invisibilidade de um novo campo do pensar espacial. Por sua vez, este ensaio é uma aventura do pensar aberto ao erguer a Espaçologia enquanto protagonista e ferramenta epistêmica das filosofias no espaço, que se colocam em disputa no recorte das totalidades em movimento.

**Palavras-chave.** Espaço. Lugar. Filosofia. Geografias. Totalidades.

## 1. Abertura do pensar

*A Natureza ama esconder-se*

Heráclito de Éfeso (550-480 a.C.)

*Tudo que é sólido desmancha no ar...*

Karl Marx e Friedrich Engels (Manifesto Comunista -1848)

A relação introdutória entre espaço e filosofias sempre existiu; desde o Ocidente clássico espelhado, até as modernidades em curso. O que variou foram as modalidades conceituais que cada pensador estabeleceu, demarcando todo o peso de uma tradição, separando o

espaço enquanto protagonista modelador de um pensamento que não foi considerado. Do ponto de vista tradicional, o pensamento passou um aprisionamento filosófico em detrimento aos diversos campos epistêmicos, impondo um único modo pensar: o espaço como conceituador de categorias, problemas e de uma gramática própria seus conhecimentos ocultados por cada pensador. Portanto, os aparatos teóricos de cada disciplina traduziram categorias sobre o espaço o pondo como auxiliar de perguntas originais, ou seja, cada pensador aprisionou ideias e noções sobre o espaço, caindo então em objetivismos científicos, dogmáticos e fechados em si mesmo.

Cabe então, evidenciar, em cada disciplina do espaço, a tarefa dos espaçólogos embrionados em suas arenas do conhecimento, investigar as contribuições do espaço, sendo personagem central não mais deslocado da TOTALIDADE. Assim, os currículos espaciais estão presentes na maneira em que todas as disciplinas o nomearam, mas tendo o pensamento justificado como forma modeladora de espaços. Entretanto, como o espaço nos convida ao pensar acerca das coisas? É possível realizar novas filosofias do espaço já elaborado pelos pensadores? Logo, nossa condição de corpos espacializados seria nosso primeiro contanto nas relações com as coisas no mundo?

Há então uma relação espacial com nossas faculdades intelectuais entre pensamento e espaço antes de se transformar numa estrutura disciplinar. Então, a Espaçologia pensaria o espaço enquanto espaço. Se a filosofia ocidental é a busca quimera de origens demarcadas e estabelecidas pelas tradições epistêmicas, as filosofias do espaço elegem os espaços não como meros resultados processuais, e sim, como acontecimentos a serem investigados pelos espaçólogos que revele camadas e os currículos espaciais da história do espaço, pela primeira vez, gozando prioridades a serem ampliadas pelos pensadores do espaço em seus constructos teóricos. De tal modo, o espaço é habitado por outros espaços, precisando ser averiguado por todo aquele que se move, movente de se mover por seres históricos, temporais e espaciais. Por muitos séculos, como seres espaciais e temporais fomos educados por uma atopia (ausência de lugar- espaço) e acronia (ausências do tempo no espaço) sem referencia espacial do corpo na espacialidade de sua experiência próprio nas culturas, ou seja, somos (des) espacializados como consequência da fragmentação da totalidade na compressão espaço-temporal em regimentos e gramáticas espaciais fechadas.

Por fim, o espaço é dizível no próprio de seu pensamento. Convém destacar, a Espaçologia sujeito de novas emergências do pensar e desdobramentos, escalas em todos âmbitos das formas de conhecimento habitadas pelo espaço enquanto ponto de partida.

## 2. A posição das ideias: o filósofo no espaço

Origami é dobra, desdobramento e modelamento espacial na arquitetura da superfície da disponibilidade das coisas em trânsito. Assim, o pensamento filosófico modelou constructos de ideias na produção de currículos espaciais na história do pensar. Dito de

outra forma, o pensamento antecede os problemas espaciais em torno dele. É na dobra que consiste a fissura de elementos ainda não iluminados pelo exercício do pensar. De uma superfície plana, o deslize forçado do agir externo para o interno, o volume da densidade da forma se faz origami. O pensamento espacial não é dialético, como o platônico) ou em espiral, como o hegeliano, e sim dobras pensando com o barroco de Aleijadinho: o desdobramento da dobra realizada na superfície criando formas visíveis, mas modeladas por um conjunto de uma família de conceito, se faz no real concreto a véspera de coisas ainda não cristalizadas na paisagem do pensamento. A partir daí para cada dobra, o origami espacial nos revela o universo íntimo de particular de ações do pensamento em curso. O espaço guardaria nele uma infinidade de origamis já alertadas pela física quântica. Tudo é pensamento, logo tudo é espaço: ação primeira das condições realizáveis da ação humana pelo uso da técnica, mas também instrumento mensurável para que nos situemos e giremos em torno, um acontecimento nunca isolado do primeiro traçado da superfície móvel e instável. Antes de tudo, é no cansaço de tantas dobras que o princípio do traço se encontra com os problemas originários - o plano de fundo das coisas emerge da superfície tantas vezes trabalhada por escultores, poetas, filósofos e espaçólogos. O espaçólogo visita a forma presa e reduzida pela ideia entendida vulgarmente como abstrata libertando-a seu movimento anômalo. Então ergue-se na superfície já modificada pelo exercício alterado pela morfologia a condição espacial para evidenciar aquilo que só era visto pelas ideias. Só é ideia aquilo que pode ser visto e modificado na superfície da forma.

De paisagens de gelo, nomadismos desérticos, erupções e dobras oceânicas -, o homem construtor de espaço habita-se em registrar sua memória no espaço pela sua natureza ínfima e incompleta. Aqui, de novo: não há nada natural de natureza no homem, ele cria espaço por ter sido apartado da TOTALIDADE. É neste lugar do espaço-espacializado de coisas que o homem age criando técnica e uma natureza artificial e repartida do todo. Sobre isto, se pode sugerir uma ginástica do pensar: as árvores de um jardim seriam o todo, porém sua totalidade é a própria natureza, e já o jardim o recorte do artifício da técnica. Esta exemplificação nos apruma ao evidenciar que a ideia de todo são partes recortadas da totalidade. A tarefa da espaçologia é untar, reunir, juntar, caotizar e reinventar diversas naturezas contidas em cada campo onde o espaço fora ocultado e enunciado como partido e fragmentado. Toda fragmentação é uma ilusão comprometida pela burrice da inteligência filosófica.

Existe, entretanto, no cartografar filosófico, o posicionamento das ideias na cunhagem de conceitos. Categorias e problemas são tarefas elevadas que exigem daquele/a que pensar as condições ontológicas da produção existente na maneira em que a forma do espaço material se dá e que propõem investigações e aberturas de horizontes em busca de uma horizontologia - problemática que nos induz horizontes conflituais nos territórios do pensamento. Esta tarefa não exige mais uma delimitação dogmática, fechada e disciplina onde os objetos estariam isolados em caixinhas epistêmicas manipuladas por ferramentas conceituais de filósofos, historiadores, sociólogos, geógrafos e arquitetos.

Estes entraves ou impedimentos foram desenhados no constructo dos pensadores positivistas dogmáticos, na crença na verdade da ação do pensar separada do agir da técnica, revelando o pensamento fora da totalidade e desprendido do mundo material, baseado nas igrejas platônicas fundadas por falantes da filosofia e repetido em ideias fraudadas de tradição. De tal modo, é preciso que as filosofias do espaço voltem se comprometer com as questões de suas realidades espaciais, territoriais e regionais em múltiplas escalas. Assim, o conceito de espaço foi apartado da totalidade e esvaziado por menções abstratas como um verbete físico e geográfico não palpável pela ação empírica dos atores históricos no seu agir diário. Não existe “o espaço” enquanto um ente abstrato e universal fora da forma, e sim, horizontologias e visões epistêmica do conceito de espaço atravessado por diversos campos do conhecimento. O espaço, não é apenas uma categoria universal platônica e kantiana, mas pode ser vivenciado e experimentado pela ação do fazer de cada indivíduo. Cabe evidenciar que cada indivíduo é o seu próprio espaço corpóreo e individual se chocando com diversas e outras espacialidades carregadas em seu corpo – lugar que se forja os currículos espaciais no território.

Os currículos espaciais são naturalizados no corpo, na cidade, na paisagem e na forma do espaço. Geógrafos não são responsáveis por traduzirem o que há por trás da paisagem, mas no momento que os mesmos atravessam outras gramáticas conceituais e ecologias de saberes tornam-se espaçólogos, pensadores que investigam o que faz o espaço se materializado de ideias camuflado no penhor da realidade. A realidade-espaço no ocidente obedece a regras espaciais produzidas por ideias universais das estruturas do ocidente. Em suma, o ocidente enquanto recorte da totalidade partida ou recortada inventou visões de espaço e regras dogmáticas em si mesmas.

Em cada sociedade cultural, o ocidente e suas ocidentalidades criaram currículos espaciais e constructos de mundo. O espaço modela o real e é fio condutor da realidade aberta e conflitual. Em detrimento das últimas revoluções epistêmicas do século XIX para o século XX, no ano de 1915, Albert Einstein nos evidencia que tínhamos que pensar o espaço não mais aprisionado ou refém dos fenômenos da física clássica newtoniana, e sim como protagonista de seus próprios problemas originários, tendo necessidade de novos pensadores do espaço.

Portanto, a Espaçologia não estaria isolada e com falta de objetos e questões, pois quando as ciências positivas do século XIX declaram guerra epistêmica contra uma única matriz filosófica onde se pensara o todo e a totalidade, as mesmas configuram metodologias e campos a priori de seus saberes originais, ocultando o espaço como sub-conceito. O engano da cegueira Tiresiana estaria na crença positivista de que os conceitos e campos ecológico dos saberes surgem desprendidos de uma ambiência e atmosfera espacial. A tolice da gagueira aristotélica se repetiu por séculos entendendo espaço como medida, extensão e proporção. Em contrapartida com o nascimento das epistemologias modernas ocidentais e acidentais, a Espaçologia estava no suporte do filtro conceitual. Todas as ditas áreas do conhecimento criaram enunciados sobre o espaço, mas o espaço não narrou suas

relações conceituais de seus algozes.

Milton Santos, Ana Clara Torres Ribeiro e Tamara Egler evidenciam a Espaçologia não como detentora do espaço, e sim como condição possível do aparecimento dos fenômenos espaciais, tendo seu último desdobramento em escala societária do espaço agindo na esfera do Estado, território e globalização.

Da mesma forma que o capitalismo agiu como condutor de produção espacial, na produção da matéria histórica houve um jogo antagonista entre casa-rua, fábrica-cidade, presídio-liberdade e desejo-inconsciente. Há de se notar que toda a tradição (traição) ocidental ocultado o conceito de espaço e não teve o cuidado necessário de uma ciência do espaço enquanto espaço – ESPAÇOLOGIA.

Antes de tudo, somos seres espaciais, tendo em nosso corpo a primeira dimensão escalar dos efeitos dos currículos espaciais. A forma fundida na ideia, realizando tarefas do desenho da forma. Por noções aristotélicas, a forma e conteúdo realizam nossa noção material do uso dos atributos da morfologia do espaço.

A natureza não organiza seus objetos analíticos por afinidades ou pela ação técnica da cultura, ela é a totalidade se disponibilizando pelo o uso da cultura repartida, pela posição dos pensadores ao ler e interpretar os fenômenos do uso do real.

Não há uma natureza do espaço, e sim multiplicidades de natureza, desde Demócrito a Karl Marx, do uso da produção material das coisas. Por conseguinte, Demócrito via na matéria a soma dos átomos que produzia o efeito da realidade material. Mas de que forma, o pensador originário visualiza o átomo sem lentes de um microscópio antes da modernidade? Esta pergunta induz, propõe ao pensamento visualizar as camadas da realidade sendo o lugar onde as coisas se enunciam pelo exercício do pensar.

A visualização dos objetos e formas não está dada por um regime de signos e representações dadas ou disponíveis pela realidade. Demócrito organiza uma natureza caotizada por átomos dentro da totalidade até então não repartida. O pensamento neste momento é aberto, onde todos os elementos estariam no puro acontecimento de estado de coisas sem filtro. Na partícula de um átomo estaria o esplendor do que ainda não foi repartido pela tolice da razão aristotélica e kantiana.

Por tal ventura, ao longo da duração histórica da tradição sobre o conceito de espaço, historiadores, filósofos, sociólogos, físicos, arquitetos e geógrafos detiveram dogmas, dimensões oraculares determinantes e deterministas que delimitaram o aprisionamento epistêmico da conceituação da história do espaço ausentado de um campo de conhecimento transdisciplinar e separando-se da totalidade. As ciências modernas emergem com a crença simplória da razão imperialista do logos platônico instaurado pelo reacionarismo kantiano: o ocidente espelhado por ideias desmaterializadas do concreto-objeto-real para uma deidade do mundo. A representação da natureza mimetizada pelo retrato da paisagem. O espaço na categoria geral da modernidade kantiana daria visualização aos objetos a priori retirados de um plano de mentalidades e

dados como perfeição imperativa do mundo reconfigurado por um racionalismo bélico. O espaço depois de Kant assumiria um lugar mensurado por um ordenamento matemático, singular, homogêneo e controlado por formas intuitivas pela fé racional.

Além disto, estas visões simplistas estiveram focadas apenas na objetividade do objeto sem investigar uma ontologia inaugural do espaço enquanto espaço. No recorte kantiano e no desdobramento de suas idéias, o espaço é o lugar ordenado pelas formas racionalizadas de ideias universais de mundo. Em suma, a partir do século XVIII, o racionalismo cartesiano e kantiano definiu as bases gerais das visões manipuláveis de ideias cristalizadas de mundo. Tal questão se remeteria ao aristotelismo clássico delimitado pela física moderna, onde os físicos manteriam os conhecimentos guardados e instaurados pela alquimia dos antigos e filósofos originários, - a natureza neste momento se entende enquanto totalidade (Unidade perfeita) gerada por noções medievais (deus como forma imanente). A totalidade, - então natureza naturante – natural, se manifestaria na multiplicidade das coisas. O espaço, natureza e ideias formam imagens de um mundo sem forma. Não haveria no primeiro momento a idéia de espaço separado do todo aberto. Este todo aberto é o estado embrionário de mundo e espaço, pois ambos são frutos da linguagem e técnica. O animal-homem ocidental produz no uso da técnica (Cultura) sua própria condição e estrutura as bases primeiras de seu rompimento entre natureza e cultura. Nesse primeiro momento, natureza e cultura não se separam, pois o meio é o próprio homem mergulhado de totalidade. O pensamento modela o espaço como forma primeira do existir. Assim, no momento em que o homem dito enquanto moderno manipula o uso do espaço com as ferramentas da técnica, sua ausência de naturalidade do natural vai exigir uma ruptura artificial com o todo, mas de fato o mesmo homem experimentaria uma ilusão de que fora apartado do todo da totalidade. Totalidade e todo não se fragmentam: estariam fundados no mesmo estado de coisas, onde o pensamento acusaria outra natureza ontológica (natureza e cultura) e estaria em atribuições epistêmicas separadas do todo original. Homem, natureza, mundo e espaço estariam organizados pelos interesses estratégicos, pela ação racional racionalizante do homem impondo uma nova realidade ou natureza do espaço. Tudo é meramente uma ficção do homem racional embriagado por ideias de modernidade.

Por outra via, não há modernidade como fora apresentada de modo linear e fragmentada, ou seja: para cada realidade de estado de coisas se abre um horizonte de possibilidades, assim como a idéia de espaço. O espaço torna-se uma nova natureza no momento em que o homem utilizado pelas técnicas instrumentais do uso da razão racionalizante acredita manipular toda abertura totalizada de natureza neutra e especulativa. Deste modo, o pensamento é o agente modelador de espaço: somente o pensar condiciona as questões que põem o espaço enquanto objeto fundador de novas gramáticas conceituais derivadas pelo suporte transdisciplinar do limite ficcional das disciplinas, onde todas partiriam do mesmo nascimento ontológico e conflitual de filosofias próprias. Se as ciências modernas na última virada espacial do século XIX e início do XX criam campos epistêmicos do saber

do próprio, o espaço foi burlado e interdito de pensar aquilo que seja o seu próprio pensar original de questões oriundas de seus saberes e perguntas emergenciais de um campo de investigação entendida como ESPAÇOLOGIA.

O espaço teria como objeto o próprio espaço, inaugurando ferramentas transdisciplinares detidos em todas as disciplinas chamadas de campos de conhecimento ao longo do curso da modernidade histórica ocidental. Entretanto, se os campos de conhecimento criaram seus objetos a priori a partir de uma idéia condicional de espaço, a virada espacial estaria no momento em que o modelamento das questões partem do próprio espaço. Por conseguinte, a espaçologia traz à tona os currículos espaciais já desempenhados pelas entendidas disciplinas, se libertados de códigos e regras já assim estabelecidos pelas ficções modernas. Se o pensamento modela o espaço, a espaçologia permeia o campo dos fenômenos do pensamento materializados pela via do espaço como caminho do pensar do homem enquanto realidade primeira.

Por sua vez, as filosofias do espaço estão em disputa. Logo, é necessário repensar o exercício do espaço nas bordas de novas fronteiras. Tudo é espaço; logo, o pensar localiza-se em problemas abordados pela ação humana do estruturar-se como ser espacializado no espaço. Entende-se, assim, o objeto da espaçologia: o espaço como espaço, modelado pela ação do homem enquanto agente modelador de realidade aberta e plural.

A princípio, a natureza guardaria nela mesma ao longo da história do ocidente tardio - montado no constructo do século XIX - todos os saberes da totalidade. Porém, com as revoluções científicas da metade do século XIX, os filósofos da natureza (homens da terra com saberes originários do local) ensaiam problemas ontológicos da realidade repartida da totalidade, ou seja, ilusões modernas e descabidas pela ânsia de responder o que seria a natureza do espaço. O espaço emerge enquanto resposta à uma physis descoberta pela técnica adoecida pela representatividade da cultura.

O foco filosófico revela a natureza como ação modeladora de estados de realidade, que se permite ser admirada pelo éthos do humano, identidade qualitativa ordenada pela dogmática das ferramentas da ação cultural da técnica.

Em detrimentos de ações da demarcação da ação cultural dos ritos no espaço, o homem ocidental se representou enquanto forma totalitária da estrutura do espaço, definindo-o como objeto a ser observado pela crença das diversas ciências que emergem com ferramentas epistêmicas para sua compreensão. Desta forma, a Espaçologia trataria o objeto espaço nas suas diversas possibilidades já contidas nas genéticas dos campos dos saberes construídos nas fronteiras do agir do pensar. Para cada campo ou fronteiras do pensamento já temos os espaçólogos agindo, evidenciando problemas e questões em suas diversas escalas.

Portanto, a Espaçologia já existe em todos os campos do pensar, pois o conceito de espaço é o suporte conceitual que atravessou as diversas gramáticas curriculares sem

necessariamente ter conceitos próprios. Assim, os conceitos do espaço se revelam no agir de cada pensador ao se indispor na necessidade de pensar o diálogo conflitual em atrito emergencial dos atores que habitam o espaço.

No fim do século XIX, pela primeira vez, foi possível ver um mundo em que o passado, inclusive o passado no presente, se cristaliza na duração de narrativas totalitárias nas extremidades de uma sociedade radicalizada por identidades fechadas em si mesmas: aceleramentos históricos conduzidos por grupos totalitários na condução da matriz ocidental, ou seja, uma única forma até então de ocidente absoluto e fechado aos interesses desse novo ocidente estruturado por velhos hábitos. Dessa forma, as extremidades evocadas pelas identidades nacionais criaram naquele período barreiras identitárias forjadas por ideias absolutas e, sobretudo, raciais. O resultado desse cenário foi o sufocamento de identidades minoritárias e o extermínio de povos. Em concomitância, a forma Estado enquanto éthos-político cria uma noção de identidade nacional de modo isolado, incorporando ideologias raciais no projeto de sociedade.

Em vista disso, como sobreviver e criar redes estratégicas diante de um mundo forjado de novo? Ainda é possível ler as gramáticas conceituais de modo isolado diante de uma sociedade que emerge com novos adventos espaciais? Como ler, compreender e gerar análise do imediatismo do imediato? Como ler o Ocidente a partir de dentro para fora? Somos realmente ocidentais (ou quase ocidentais) nesta formação societária?

Passada essa breve apresentação do problema, é de extrema importância o posicionamento ideológico do filósofo-historiador (espaçólogo) ao ler novas cicatrizes do presente que emergem de modo totalitário no tecido urbano como desdobramentos da história espacial do tempo presente, sempre escolhendo o caminho do pensamento diante das armas conceituais do território das ideias ao longo do tempo histórico e suas questões permanentes no uso do espaço. O exercício do pensar nos revela não só diversas encruzilhadas e modelamentos de montagem do teatro das ideias ocidentais em curso no campo de batalha, mas também como abrir novos clarões, problemas e investigações acerca de um cenário epistemológico que exige o refinamento conceitual e transdisciplinar do filósofo-historiador (espaçólogo). Este, para isso, precisa lidar com ferramentas conceituais e curriculares de outras arenas do pensar na busca de evidenciar novos fenômenos histórico-espaciais na produção cultural do uso do espaço. A narrativa será pô-lo como protagonista e objeto das ações do pensar dialogando com matrizes de conhecimento que já o pensaram.

Enquanto constructos humanos, as epistemologias modernas ocidentais aprisionaram de modo dogmático o conceito de espaço. Logo, os geógrafos positivistas brasileiros, na sua soberba cognitiva, paralisaram e se aprisionaram em uma única forma de entendimento problemático da ideia de espaço operacionalizada por lógicas eurocêntricas. Se os negros e ameríndios deste país são produtores de espaço no mundo das ações estruturais e concretas, por que não fundarmos uma endografia (dentro/interno) do ser, local, regional e espacial? Se os que produzem espaço foram exterminados do processo espacial externo, da



condição de realidade do espaço, como há uma geografia humana? O espaço também não seria uma relação dialética entre o dentro e o fora? Se não há o endo (dentro), como há o de fora? As qualidades funcionais determinam as estruturas do interno imposto por realidades espaciais de estrutura racional e racial do de fora? Por sua vez, as formas do espaço não possuem uma natureza concreta apenas, mas uma natureza concreto-abstrata; tornam-se concretas a partir do uso das coisas habitadas por ideias filosóficas em disputa no campo epistemológico, na produção da realidade em disputa em que as coisas se inserem. Tais são os problemas atualizados nas formas condicionais e instrumentos de análise da história social dos homens.

A geografia, história, sociologia, literatura, economia, antropologia, física, dança, teatro, cinema, arquitetura, planejamento já possuem seus objetos, signos, conceitos e ações curriculares do espaço; agora chegou a vez de o espaço pensar suas próprias questões espaciais de maneira própria e singular. Milton Santos, no livro *A natureza do espaço* (1987), assinala que, no final do século XVIII, tivemos uma revolução epistemológica em que todas as áreas de conhecimento se libertaram da filosofia hegeliana, construindo disciplinas de conhecimento com objetos próprios de sua espacialidade. O espaço torna-se objeto de análise de todas as disciplinas, mas sem criar um lugar próprio de perguntas insurgentes e inaugurais do próprio espaço. Dessa maneira, seria uma categoria transdisciplinar lida e entendida por todas as zonas do conhecimento, porém nunca investigada por si mesma, havendo, assim, a necessidade de criarmos uma espaçologia, com problemas, objetos, conceitos, métodos, atores, processos e ações do próprio espaço.

As ciências ditas modernas e modernizadas cunharam seus conceitos fundadores do espaço por diversas matrizes e escalas demarcadas por ações disciplinares detidas em uma única forma epistemológica. A espaçologia é uma ferramenta transdisciplinar que torna o espaço objeto dialógico atravessado por todas as disciplinas que o investigam, evidenciando-o enquanto ator central no ultrapassamento de barreiras isoladas e epistêmicas; portanto, analisa seus fenômenos como evento curricular em todos os campos de conhecimento de modo autônomo. A história, a geografia, a sociologia, a arquitetura, a economia e o planejamento urbano produziram ao longo dos séculos aprisionamentos espaciais e epistêmicos de uma única forma de entender o espaço como objeto categórico estático, porém este ainda não se tornou uma ferramenta autônoma de ler-se a partir de conceitos próprios, oriundos de si mesmo. A espaçologia traria para o núcleo de questões formas autônomas dos indivíduos espaciais que recriam suas matrizes epistêmicas e propõem novas lógicas de rede.

No final do século XX, o espaçólogo Milton Santos evidencia que as ferramentas metodológicas filhas do século XIX detiveram uma única concepção matricial, universal e totalitária da categoria de espaço na qual a globalização se tornaria globalitarismo: uma única forma universalista de entendimento do mundo a partir de única concepção de espaço e sociedade, criando, desse modo, formas perversas e desiguais do recorte da totalidade. O espaço para Milton precisaria se libertar das demarcações geográficas e

disciplinares, operando uma nova ontologia do espaço, assim chamada de espaçologia: a categoria de espaço para criar conceitos não a partir do olhar das disciplinas recortadas isoladamente, mas como sendo problema e questão de si mesmo, cunhando problemas e questões do que é o próprio contido nele mesmo. Os conceitos, categorias, objetos e problemas não estariam isolados e reféns de qualidades epistemológicas de outras disciplinas. Assim, o espaço se libertaria enquanto campo autônomo e criador de problemas originais oriundos de sua matriz conceitual, não havendo demarcações e prisões dogmáticas ratificadas em lógicas estruturais prontas, delimitadas, lineares e servis, já introduzidas no movimento espaçológico de Milton Santos. Dessa forma, teríamos, no final do século XX, explosões epistemológicas do conceito de espaço emergidas pelos de baixo, o que ele evidencia como uma outra globalização vinda de lógicas não-binárias e não correspondentes aos modelos globalitaristas.

Tal questão já encontra abertura de horizonte no filósofo Michel Foucault (1926-1984), que escreveu, em sua estadia na Tunísia, em 1967, um texto denominado *Outros Espaços*, publicado sob a sua autorização apenas em 1984. Nesse escrito, o autor desenvolve um conceito inteiramente original: o de heterotopia. Esta ideia consiste em explicar a confluência dos espaços na sociedade, isto é, uma proposta de se pensar o entorno a partir das diferentes residências temáticas (hospitais, escolas, bibliotecas, etc.) que são alicerçadas nele e que descrevem uma relação em que estes mesmos lugares predominam uns sobre os outros e sobre a vida dos indivíduos. Assim, nesse texto, ele mostra que o espaço do outro foi esquecido pela cultura ocidental.

A palavra heterotopia é composta do prefixo héteros, que tem origem no grego e significa “o diferente” e está ligada à palavra alter (“outro”). Já a palavra tópos significa “lugar”, “espaço”. Então, heterotopia significa o espaço do outro. Em busca do uno, do universal e do mesmo, a razão ocidental afastou o outro, a diferença, a multiplicidade. Desse modo, o empreendimento filosófico de Foucault foi resgatar os espaços do outro, os quais o exercício do poder pela racionalidade ocidental buscou suprimir em prol do espaço do mesmo. Para isso, estudou espaços onde se exerciam relações de poder com vistas à objetivação, como as prisões, a escola, o corpo, a loucura, a sexualidade numa perspectiva da noção espacial em Foucault.

Igualmente, a Espaçologia são espaços de alteridades na produção de conhecimentos próprios localizados no corpo espacial dos indivíduos relacionados com suas realidades históricas. Portanto, teríamos um século de explosões espaciais e de novos eventos transescalares em realidades singulares e em rede, pensando com Michel Foucault e Milton Santos. Sobre o novo problema, Foucault pensa o espaço como uma forma de relação de posições, onde a vida é comandada por espaços sacralizados. Também diferencia utopia de heterotopia. A primeira diz respeito a lugares que não são reais, sem lugar fixo. Já a segunda, refere-se a lugares reais, mas que estão fora dos lugares aceitos (o mesmo). Para o autor, a sociedade produz heterotopias. Ainda, chama estes outros lugares com a denominação de heterotopia de desvio, ou seja, aqueles comportamentos que estão fora

do que a sociedade aceita e impõe às condutas. São nestes espaços que, para Foucault, estão contidos os conflitos e tensões que se exercem pelas relações de poder de uma sociedade determinada.

Ao pensar sobre o final do século XIX, Michel Foucault problematiza que no Ocidente moderno tivemos grandes revoluções epistemológicas das matrizes de ordem ocidental, quando a totalidade do pensamento, até então contida na filosofia, se fragmentou criando ontologias, campos e ferramentas próprias. Deste modo, revela a possibilidade de um novo conceito para entender os novos fenômenos do espaço geográfico, nomeando-o heterotopia, um conceito da geografia humana que descreve lugares e espaços que funcionam em condições não-hegemônicas. Ele usa o termo para descrever espaços que têm múltiplas camadas de significação ou de relações com outros lugares e cuja complexidade não pode ser vista imediatamente. Para que novas propostas de análises do espaço sejam concebidas de modo introdutório, por que não pensarmos a Espaçoologia como espaço autônomo e inaugural dos pensadores das dimensões do espaço ao reinventarem condições ontológicas de sua existência no seu agir nos recortes da totalidade?

Por outro lado, se tomarmos a geografia a partir de um conjunto de escrituras na produção espaço – nas raízes geo (terra) e grafia (escrita) – por que não partirmos do próprio espaço para pensarmos suas outras grafias (escritas/escrituras) na filosofia, física, economia, sociologia, arquitetura, política, antropologia, arte, biologia, teatro, cinema e, até mesmo, o samba? Se os geógrafos se detiveram sobre os fenômenos geográficos no tecido do espaço, por que os espaçoólogos não se dedicaram a pensar os fenômenos espaciais do próprio espaço em si e correlacionados a todas as disciplinas, questionando, por exemplo, quais os impactos do conceito de espaço do cubismo geométrico e analítico na pintura de Pablo Picasso? Picasso seria um espaçoólogo ao introduzir uma nova categoria geométrica de espaço tridimensional na pintura contemporânea moderna ocidental do século XX, assim como Aleijadinho, com seus anjos distorcidos no Barroco singular brasileiro? O problema central não estaria em pensar os diversos currículos espaciais aglutinados numa ciência do próprio espaço ao ler seu diálogo transdisciplinar com acervo conceitual já postulado e construído em todas as disciplinas?

O espaço é autônomo e relacional, sendo cercado por uma multiplicidade dimensional da realidade fenomênica e histórica dos homens na sua produção social, política, econômica e cultural da realidade enquanto um todo representado. Não se trata neste momento de inventar uma nova ciência, mas de ter o entendimento de conteúdos espaciais que produzem currículos e formas na condição habitada pelo fenômeno homem em suas práticas existenciais fazedoras de espaço, que, de sua parte, abrem novos problemas fenomênicos da origem do espaço racial. É esta perspectiva que nos apresentam o professor Milton Santos e Ana Clara Torres Ribeiro: é preciso revistar o todo em suas partes totalizadas de espaço ao entendimento da totalidade. Creio que sob este enfoque o pensamento precisaria urgentemente voltar ao pensamento, elaborando novos problemas

investigatórios por uma filosofia do espaço brasileiro de modo próprio e original.

Por sua vez, os “filósofos acadêmicos brasileiros”, alienados de sua condição espacial-histórica por pensarem como europeus, reproduzem espaços psíquicos de paisagem do pensamento fora do todo sem totalidade; exemplo disso é nunca terem colocado como questão ontológica o fato de um povo negro, escravizado por 400 anos em uma matriz espacial excludente, ter sido capaz de criar saídas estratégicas e de narrar sua própria história na construção epistêmica de outras espacialidades. Fenômeno que tem o samba como matriz ontológica de saberes espaciais e corpóreos e como outro modo de pensar o Ocidente – o do Atlântico-negro protagonizado por atores interditados e silenciados. É notório ver o Ocidente, assim entendido pelo uso radical da razão instrumental de Kant e Weber, não conseguir iluminar todos os objetos trazidos pela hiperluminosidade do raciototalitarismo, inibindo outras matrizes epistêmicas apartadas da totalidade.

Se o pensamento é uma ação condutora de espaço, esta questão nos coloca em um esforço tremendo de pensar de modo próprio uma Ciência transdisciplinarenquanto uma nova escala espacial e territorial da história do pensamento no uso do espaço, como uma alternância do discurso não-vigente – alteridade por alteridade (diferenças por diferenças). Tais são as razões da emergência epistemológica de se pensar a Espaçoologia como uma nova interpretação do mundo do representacional das coisas, no que tange ao fluxograma de encontros e desencontros, territorializações, desterritorializações, enfim, enquanto uma categoria transdisciplinar do espaço das relações entre sistema de coisas, natureza e ação humana, por via de uma reflexão filosófica a partir dos espaços ainda não evidenciados na tradição literária atual.

Em contrapartida, depois de tanto tempo de predominância literária de uma alternativa histórico-espacial e de pensarmos origens espaciais no ocidental móvel, cristalizada por uma ideia de identidade fixa e determinista (origem, meio e finalidades) na qual estamos inseridos, acredito que seja impossível evitar que continuemos a lastimar as perdas de sentido originário e histórico de seus atores sociais em suas realidades individuais. Há que se abrir uma nova dimensão de sentido espacial que suscite investigações filosóficas de novas geografias. É possível pressupor que esta espacialização do pensamento produza um grande choque, mas não se trata de um desastre, e sim de uma variação que admite novas concepções, culminando em novas fronteiras, necessárias para uma nova partida, um novo reinício com acidentes escandalosos, aquém e além de uma nova territorialização. Não é como se simplesmente pudéssemos nos opor à dimensão imóvel do espaço em relação ao movimento e ao avanço do tempo e da história, mas consideramos que aí exista uma demanda de reflexão sobre a realidade que precisa ser sanada a partir de nossa própria cultura (éthos – lugar próprio), vista por dentro no jogo de fora. Sendo assim, convido-os a nos aventurarmos nos limites tolos da razão instrumental racional para pensar uma nova antropologia espacial-geográfica e filosófica de novas filosofias insurgentes, para pensar os espaços contidos em si nas brechas de outras espacialidades.

## Conceitos: Máquinas oculares

Os níveis de percepções sobre os fenômenos das ideias forjadas em coisas para serem notas e percebidas pela nudez do olhar precisam ser filtrados e (des)organizados pelo exercício maquinal do uso do conceito. Nem fim e nem meio, os conceitos revelam as camadas contidas nos tecidos da subjetividade engendradas na produção dos conjuntos de coisas manifestadas e ocultadas pelo véu da realidade. Em toda parte o tecido conceitual comum se produz na cotidianidade no tai chi chuan filosófico nos maneirismos do pensar. É bem verdade que o uso do exercício do pensar exige do pensador o esforço extremo para as ideias se refletirem nas coisas ou se materializarem em objetos da percepção ainda visualizados no télos do pensador. Na realidade, é neste esforço e no alcance do cansaço que os conceitos emergem para traduzir o recorte recortado da totalidade. Ou seja: os conceitos são máquinas oculares, pois ampliam a (in)visibilidade e o ocultamento de mundo de coisas já inseridos na materialidade do real. Para cada pensador teremos o uso das ferramentas de máquinas oculares para atingir, flertar, beirar-se, margear-se pela costura do uso da linguagem no mundo em movimento sendo lido pelas máquinas oculares de cada pensador. Por isto, um conceito apenas concreto não revela os níveis geológicos dos confrontos das formas sem formas.

Nas tensões de cada século, os filósofos, ao produzirem seus conceitos e suas máquinas oculares, nos mostram que a disputa dos conceitos se configura a filosofia como um território de batalhas. Os conceitos e seus filhos estão em guerra desde seu nascimento: Filosofias como campo de guerra de conceitos, exigindo de cada pensador uma sistêmica vocabular e gramatical os modos de nomear os fenômenos do uso do real. Certamente estas máquinas oculares evidenciam o uso dos conceitos constituindo de modo empírico lentes oculares para o mergulho instável de elementos ainda não visíveis, além disto, é ali que o pensador se esforça como um operário conceitual.

De maneiras diferentes, todo pensador trava uma batalha imensa de como constituir suas máquinas oculares diante de um exercício solitário: o conceito nasce em noites solitárias, não há multidão, público, papéis timbrados e orientadores acadêmicos; ele nasce, e tendo nele problemas insuportáveis de mundo e significados de cenários ainda não visualizados pela vida societária.

Podendo parecer um exercício dito como inútil pela tecnocracia de regimes da vida imediata e repetida pelo vazio da existência midiática, o uso dos conceitos gera uma tarefa violenta na produção de novas mentalidades.

Em particular, o nascimento ocular de cada conceito requer produções de novos planos de mentalidades e de consciência. Exemplo disto, o filósofo Karl Marx não produz conceitos para compreensão de uma sociedade burguesa e industrial do século XIX, e sim para o entendimento do edifício teatral do golpe cognitivo dado pela burguesia, criando um mundo de recursos ilimitados para si mesmo. Indo pela mesma via nas eras das modernidades em confronto, teria diversos projetos conceituais da ideia de homem,

sociedade, espaço e território. Se Marx não escreve para o século XIX, certamente foi necessário criar planos de mentalidades e gramáticas conceituais para pensar o mundo produzido pelo capitalismo ou capitalismo em disputa. Mesmo sendo possível datar, Karl Marx nos mostra que o capitalismo trouxe as (falsas) promessas de um mundo e novo homem, assim como as ideias cunhadas nos projetos renascentistas.

Cabe ressaltar sobre a produção de máquinas oculares: são conceitos que exigem como pré-requisito o processar da longa duração na produção da materialidade das coisas, afinal, não dormimos medievais e acordamos modernos. Pelo contrário, testemunhamos a fabricação de golpes cognitivos entre os filósofos na produção de paisagens de pensamento. A estrutura de uma máquina ocular, antes de tudo, é produzir golpes cognitivos no sistema de crenças forjadas no tecido cultural, assim aceitamos ideias que estão no plano mental de cada filósofo.

Sob esta relação, as máquinas oculares dos conceitos nos induzem a pensar de maneira única a partir de sentenças e premissas coloniais e descoloniais, exercidas pelo sistema matricial de cada filósofo no conjunto de materialidades históricas e espaciais. Portanto, vivemos num mundo de filosofias que criam espaços visualizados na cabeça dos filósofos, que impõem gramáticas repetidas e fórmulas hipotéticas e não aplicáveis em mundos em colapso temporal no curso do espaço societário.

### 3. Os espaçólogos e a totalidade

Os filósofos da totalidade, ao pensarem a condição da *physis* (natureza), evidenciavam que “a natureza ama ocultar-se”, como aponta o filósofo Heráclito ao mostrar os regimes de fluxos, movimentos e linhas soltas que configuram os estados de realidade do real. Estes estados empíricos do que a natureza permite se mostrar estão diante da nudez prévia da forma e da antiforma. É nesta véspera dos acontecimentos de ordem das totalidades que a natureza se permite ser empiricamente pensada e investigada pelos pensadores da totalidade. Igualmente, as naturezas da totalidade contida nela - todas as gramáticas e currículos espaciais de como a vida da biosocios (homem-natureza) - deverão agir. Homens, coisas e sistemas de objetos produzidos pela ação da técnica traduzem a partir da totalidade elementos e ferramentas que podem traduzir partes da totalidade fragmentada de maneira recortada.

A par destes problemas em aberto, os filósofos da totalidade mergulhavam na paisagem ontológica dos problemas criando formas e linguagens conceituais para organizar naturezas caóticas da ordem sem ordem. Convém ainda destacar que a tarefa crucial dos primeiros pensadores da totalidade era investigar o que estava atrás do escondido no natural com suas máquinas oculares e no afinamento dos conceitos.

Por conta disto, a novidade inaugurada pelos pensadores da totalidade foi evidenciar aquilo que não estava dado pela ótica do olhar humano: são estes que possibilitaram a primeira viagem do pensamento na busca do universo das coisas insólitas regidas pela maestria da

natureza. Exemplos disto, cada pensador da totalidade investigou os fios soltos da paisagem não-organizada mediada pela tarefa do pensar: o agir do pensar organiza o sistema de pensamento contido nas gramáticas inscritas na totalidade e por leis próprias. No fragmento heraclítico, onde a natureza ama se esconder, podemos nos posicionar no espaço que está ocultado enquanto primeira escritura espacial da natureza naturante que anseia revelar-se aos pensadores da totalidade. Para isto, os pensadores da totalidade usam suas máquinas oculares para organizar os elementos soltos na disponibilidade do real em processo.

Para cada século com revoluções epistêmicas, os pensadores da totalidade pensaram questões próprias, onde o conceito de espaço estivera oculto e embrionado em todas as gramáticas conceituais. As ciências do espaço já osculado por Aristóteles a Albert Einstein não elaboraram a categoria conceitual de espaço como um modelador curricular. O espaço possui dentro dele enquanto um recorte da totalidade currículos espaciais e gramáticas de conceitos que precisam ser lidos pelos espaçólogos de cada campo de conhecimento. Na verdade, os espaçólogos estão presentes em todas as fronteiras relacionais reveladas pela compreensão do uso do espaço. Diferentemente da tradição demarcada por posições dogmáticas do pensar o “espaço”, ele foi tratado por diversos pensadores nos apontando sua importância habitada pelo pensamento.

#### 4. Os currículos espaciais

A palavra curriculum oriunda do latim românico ibérico ocidental sugere o significado de corrida, percurso, movimento, lugar onde se corre. Portanto, o espaço não é o ponto inicial ou a finalidade analítica do processo, e sim fluxos transescalares de linhas e formas não demarcadas pela cristalização de ideias objetivadas em coisas. Com o avanço da questão em aberto, os espaçólogos em campos distintos evidenciam e nos mostram os elementos ocultados pela natureza do espaço produzindo currículos espaciais na utilização de máquinas oculares: os conceitos são máquinas oculares para visualidade das ideias contidas no correr do espaço. Por isto ser necessário (re)pensar os diversos currículos da produção espacial contidos no espaço. Assim, os espaçólogos executam o espaço de modo diário, pois ele que nos modela como ação norteadora.

Em norte, os currículos espaciais se reproduzem no uso emergencial das práticas culturais no território em uso por cada indivíduo já divisível em sua condição espacial fragmentada. Mas o currículo espacial não é instrumento isolado na reprodução de ideias descabidas na cabeça de cada filósofo: antes, ele é o resultado do constructor das instituições na cunhagem de disciplinas que organizam nosso corpo espacial e espacializado na forma cidade.

No entanto, o currículo espacial também se reflete no corpo de cada indivíduo, produzido entendimentos corporais de práticas e condutas normatizadas pelas regras e códigos da cultura ocidental. Para cada realidade espacial, onde o Ocidente espelhado se espelha, o

currículo espacial fruto das mentalidades, ideologias e técnicas se geografiza no âmbito do território corporal dos atores-sociais e espaciais. A disciplina do espaço contém nela códigos traduzidos em nossa materialidade corpórea que criam níveis de consciências alienantes. Se a primeira dimensão espacial é o recorte do entendimento do corpo, as disciplinas curriculares do espaço nos aprisionam em conchaves de repetições cognitivas de não entendermos o uso do espaço no corpo e em nossas formas de viver e agir.

Por fim, não é possível justificar uma única filosofia no espaço, e sim a insurgência de atores espaciais que estão emergindo numa explosão de espaço reinventada por novos globalitarismos, já evidenciados pelo Filósofo Negro professor Doutor Milton Santos.

Mais profundamente, voltando nossa a premissa convidativa: o pensamento modela o espaço, logo é necessário o enfrentamento das ideias inacabadas.

### Referências Bibliográficas

BACHELARD, Gaston. **La poética delespacio**. Primeraedición em español. (Traducción de Ernestina de Champourcin). México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1965. 304p. (Breviarios; 183).

BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia**. 1ª reimpr. da 1ª ed. (Tradução Vladimir Bartolini) São Paulo: Perspectiva, 2014. 110p. (Coleção Estudos; 230)

BUTTNER, Anne. Aprendendo o Dinamismo do Mundo Vivido. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (Org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982. 319p.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. (Tradução de Werther Holzer) São Paulo: Perspectiva, 2011. 159p. (Estudos; 292)

JAMMER, Max. **Conceito de espaço: a história das teorias do espaço na física**. Tradução de Tradução por Vera Ribeiro. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2010.

FOUCAULT, Michel (1986), "Of other spaces". *Diacrities*, v.16, no.1. Baltimore.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. 5ª edição. (Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback; posfácio de Emmanuel Carneiro Leão). Petrópolis: Vozes/Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2011. 598p. (Coleção Pensamento Humano).

LACOSTE, Yves. *A Geografia isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. São Paulo: Papyrus, 1988 [1976].

LEFEBVRE, Henri. *La production de l'espace*. Paris: Anthropos, 1981 [1974].



NEWTON, Isaac. **Principia - Principios Matemáticos de Filosofia Natural**. 1ª. ed. São Paulo: Edusp, 2002. p. 325.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. 3ª ed. (Trad. Carlos A. R. de Moura) São Paulo: Martins Fontes, 2006. 666p. (Tópicos)

SOUZA, Marcelo Lopes de. “Espaciologia”: uma objeção (Crítica aos prestigiamentos pseudocríticos do espaço social). Terra Livre, São Paulo, n. 5, p. 21-45, 1988.

DE SOUSA ALVES, V. M. (1959). **Conhecimento Metafísico do Espaço e do Tempo**. Braga: Faculdade de Filosofia.

DE SOUSA ALVES, V. M. (1998). **Ensaio de Filosofia das Ciências**. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia.

SANTOS, Milton. Por uma Geografia Nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica. (1ª ed. 1978). 6ª ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Edusp, 2008. 288p. (Coleção Milton Santos; 2).